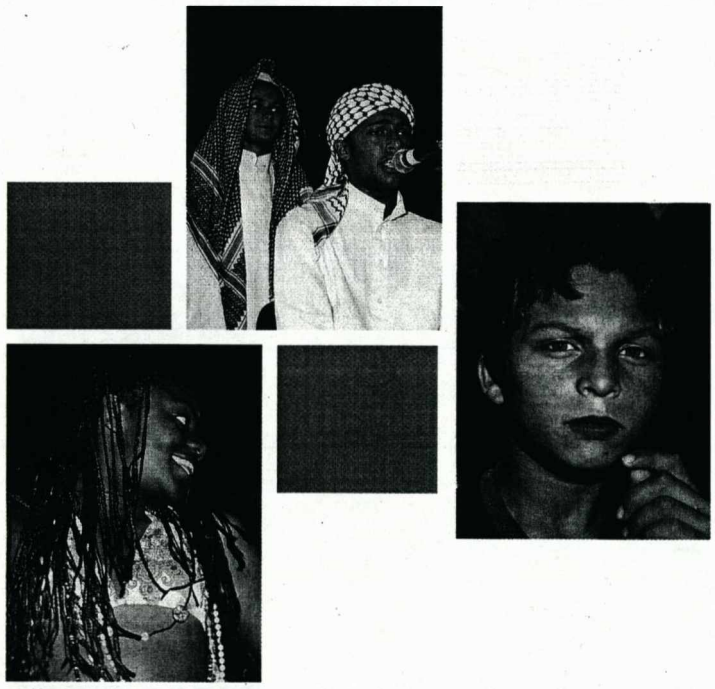
TL 4568

14 :

boletim CULTURAL

nº 12 outubro 97

dossier LOURES DIÁLOGO DE CULTURAS



Câmara Municipal de Loures

Timor, o Canto e a Dança

Universalmente constata-se que, desde tempos remotos, a actividade musical e coreográfica faz parte da expressão cultural das sociedades humanas, nas mais variadas formas e em situações as mais diversas. Em tempos ritualizados, sagrados ou profanos, os grupos humanos dedicam uma atenção muito própria a essa dimensão cultural para exprimir os seus sentimentos de alegria, de vitória, de luta, de tristeza, de súplica, de impetração, de acção de graças, etc.

Para os habitantes da ilha de Timor, o canto e a dança fazem parte da sua vida comunitária.

A música e os grupos etnolinguísticos de Timor

Timor é a maior das pequenas ilhas da Sonda onde, na parte oriental, Timor Leste, habitam mais de 30 grupos etnolinguísticos. Cada um deles, em termos de expressão tradicional musical e coreográfica, possui a sua especificidade, embora estruturalmente como expressão cultural universal haja entre eles semelhanças e traços comuns.

Durante a administração portuguesa, até 1975, e por ocasião da festa anual de 10 de Junho, dia de Portugal, realizada em Dîli, capital de Timor Leste, reuniam-se em festival, os grupos folclóricos representativos, vindos das diversas zonas do território, e exibiam o seu repertório coreográfico e musical.

Como na capital, também em cada concelho e posto administrativo, eram promovidas festividades próprias e a população se juntava em festa, onde os *tebes*, os *bidus*, os *tebedai* e os *haklálaks* eram a expressão de festa e de regozijo colectivo.

Tradicionalmente, porém, é nos *knua*, a aldeia timorense, que naturalmente os seus habitantes se reuniam para as festas cíclicas e rituais, expressão social renovadora dos laços familiares e sociais e ocasião privilegiada de socialização dos mais jovens.

A música, a coreografia e os instrumentos musicais tradicionais

A expressão musical e coreográfica tradicional timorense traduz-se sobretudo através da *tebe, tebedai* e *bidu*. Há os instrumentos musicais tradicionais de percussão, como o *titir*, o *babadok* e o *gong* que acompanham as danças

típicas, *tebedai* e *bidu*. Há ainda outros como o *nago*, o *kakeit*, o *lakadou*, o *fokotere* e o *karau dikur* e a flauta. As designações nativas aqui utilizadas são em Tetum, havendo outras, consoante os restantes idiomas de Timor.

Salvaguardando as especificidades de cada grupo etnolinguístico e outras formas musicais, vamos falar apenas do género musical e coreográfico *tebe, tebedai* e *bidu*.

Tebe

O *tebe*, que literalmente significa *dar pontapé*, é um género coreográfico que consiste em passos e movimentos, ritmados pelo cantar dos próprios executantes, homens e mulheres de braços dados ou entrelaçados, que se movimentam geralmente em círculo, sendo uma metade de homens e a outra metade de mulheres, bamboleando-se ao ritmo proposto pela espécie do *tebe* escolhido e onde, no momento alto do período rítmico os dançarinos saltam e pontapeiam o chão, rítmica, entusiástica e ruidosamente, para depois, apaziguadamente se iniciar um novo período do *tebe* com o lançamento de uma nova cantiga em resposta à anterior e assim sucessivamente. Cada região e cada grupo étnico timorense tem os seus *tebe* característicos que traduzem o seu pendor ambiental, físico e anímico grupal.

Tebedai

O *tebedai* é executado do mesmo modo, em círculos ou não, mas tão-somente por mulheres que marcam o ritmo dos passos com o soar do *babadok* que algumas delas trazem pendurado ao ombro esquerdo e o percutem ritmicamente com as mãos, enquanto que outras marcam o mesmo ritmo no *gong* que seguram pendente numa das mãos por uma guita e o percutem com um pequeno pedaço de pau cilíndrico. Cada *tebedai* tem os seus nomes próprios de acordo com os grupos linguísticos. São disso exemplo os *Daroloco*, os *Kurukuru*, os *Guedeguede*, entre outros.

Bidu

Iniciado o *tebedai* pelas mulheres, o *bidu* é executado, então, pelos homens que dançam no meio do círculo ou na dianteira ou defronte às mulheres, empunhando lenços ou espadas de guerra. O *bidu* é característico da dança de guerra. Há certos *bidu* que são executados conjuntamente por elementos femininos, como o *bidu makikit* (a dança do milhafre).

O lugar e as festas tradicionais

Não existem grupos artísticos especialmente constituidos nos *knua*, as aldeias típicas timorenses. Todos são artistas, embora haja quem seja mais artista que outros. Todos, porém, podem tomar parte no *tebe, tebedai* e *bidu*. De modo especial o *tebe* surge de uma necessidade vital, é como o pulsar do coração da aldeia. Sem ser preciso algum instrumento musical, o *tebe* pode ser executado quando haja um pequeno grupo que se junte para tal, crianças, jovens ou adultos. A sua aprendizagem é feita naturalmente desde a mais tenra idade. A criança envolvida por toda uma vida comunitária faz a sua aprendizagem na aldeia em todas as ocasiões festivas onde há sempre o *tebe*. O menino e a menina vão aprendendo paulatinamente as danças e os cantares.

O lugar consagrado na aldeia para a manifestação musical e coreográfica durante as festas tradicionais está situado no centro da aldeia.

As festas co
próprios à vo
ca toda a po

As princi
a Festa das S
(a festa das
batar (a festa
-bem, ou sej
trução de um
face-karau-ai
e a festa *ma*
mortos). A de
com as várias

Os vários
às casas sagr
parecer nesta
tarefas atribu
zer, toda a es
actividade fu

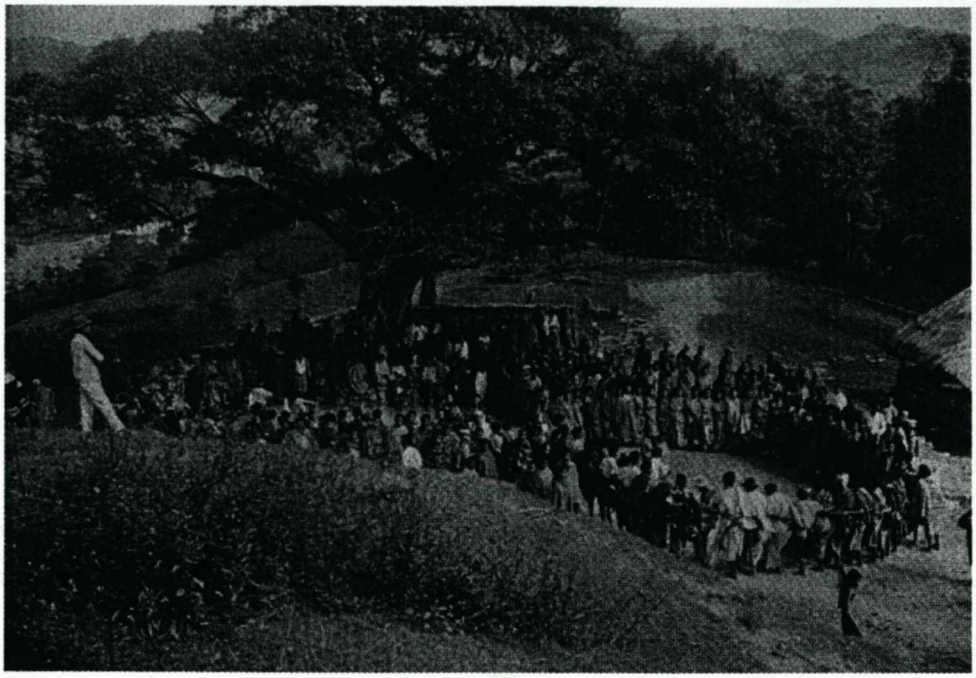
ita e o percutem com
pau cilíndrico. Cada
s próprios de acordo
. São disso exemplo
os *Guedeguede*, en-

mulheres, o *bidu* é
ens que dançam no
eira ou defronte às
ços ou espadas de
o da dança de guer-
ecutados conjunta-
inos, como o *bidu*

dicionais

icos especialmente
deias típicas timo-
mbora haja quem
Todos, porém, po-
ebedai e *bidu*. De
uma necessidade
ção da aldeia. Sem
o musical, o *tebe*
haja um pequeno
rianças, jovens ou
é feita natural-
de. A criança en-
unitária faz a sua
odas as ocasiões
be. O menino e a
namente as dan-

eia para a mani-
durante as festas
entro da aldeia.



População do *knua*, de Léber, numa ocasião festiva de recepção, em pleno *tebe*, círculo da direita; e *tebedai* e *bidu*, círculo da esquerda. Foto de Apolinário Guterres, 1970

As festas comunitárias realizam-se nos tempos próprios à voz do *ancião* responsável que convoca toda a população para o efeito.

As principais festas tradicionais da aldeia são a Festa das Sementeiras, chamada de *udan-ben* (a festa das chuvas ou da água), a festa do *saubatar* (a festa do milho novo), a festa do *han-uma-bem*, ou seja, a festa da inauguração/reconstrução de uma casa *lulik* (sagrada), a festa do *face-karau-ain* (a festa do fim da lavra das várzeas) e a festa *mate-bian nian* (a festa em honra dos mortos). A designação das festas varia de acordo com as várias línguas faladas em Timor.

Os vários grupos de indivíduos pertencentes às casas sagradas do *knua* (aldeia) devem comparecer nestas festas e executar as respectivas tarefas atribuídas segundo a tradição. Quer dizer, toda a estrutura social e política entra em actividade funcional, em que ninguém está excluído, pois todos são parte integrante da comunidade. Estão presentes todas as *forças vivas*: os chefes tradicionais, os *uma-ulun* (chefes da linhagem), os *lia-na'in* (os donos da palavra) e outros notáveis.

Para além de outros ritos prescritos ancestralmente, o canto e a dança da população significam movimento e expressão de vida, como o comer e o beber que nessas ocasiões, com rito e ostentação, se partilham mais abundantemente e são assegurados por obrigações recíprocas e ritualizadas.

Conclusão

Para os habitantes das aldeias timorenses as festas tradicionais são uma ocasião para demonstrar que ainda existem e partilham entre si a tradição dos antepassados, o que lhes assegura a vida social e familiar, e a transmitem cultural-

mente às gerações mais novas. A festa tradicional timorense, onde se realiza a *tebe, tebedai* e *bidu,* formas mais representativas da música e coreografia timorense, é um meio para estreitar os laços de parentesco e manter a coesão social do grupo. A festa é um símbolo da vida e o canto e a dança são a sua expressão festiva.

Pe Apolinário Guterres
Antropólogo